

# *As Paixões*

Caderno de Resumos  
**XVI Semana de Filosofia**

de 09, 10 e 11 de Dezembro de 2015

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

S471p

Semana de Filosofia (16. : 2015 : São Cristóvão, SE)

As paixões : caderno de resumos : XVI Semana de Filosofia, São Cristóvão, dezembro 09 -11, 2015 / organização Universidade Federal de Sergipe. Departamento de Filosofia.- São Cristóvão : Editora UFS, 2015.

21 p.

ISBN: 978-85-7822-523-0

1. Filosofia - Congressos. I. Universidade Federal de Sergipe.  
CDU 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS

**XVI Semana de Filosofia**

*As Paixões*

**Caderno de Resumos**

**Imagem de capa:**

Georges Braque: Violin and candlestick

**Obra de domínio público**

Esta obra está licenciada sob  
uma Licença Genérica Creative Commons  
Attribution-Noncommercial-Share Alike 2.0.

**Organização**

Departamento de Filosofia  
Universidade Federal de Sergipe

**Comissão organizadora**

Prof. Dr. Marcos Ribeiro Balieiro  
Prof. Dr. Antonio José Pereira Filho  
Prof. Dr. Arthur Grupillo

**Monitores**

Alana Boa Morte Café  
Adriel Cardoso Fonseca Santos  
Brenda Kelly Santos Almeida  
Carlos Alberto Nunes Junior  
Emmerson Gomes Santana  
Nelson Silbério de Sant'Ana Neto  
Renata Dias Ribeiro

**Projeto Gráfico e Editoração**

Roberta Ferreira de Santana

**Apoio**

**PROGRAD**

**PROGRAP**

**PPGF - Programa de**

**Pós-graduação em Filosofia-UFS**

**CAFIL**

## Apresentação

A paixão é um tema que concerne de muito perto à filosofia. Desde a antiguidade, sua intimidade doentia com o espírito irrequieto, sua posição singular nas condições e disposições da alma, entre as afecções do ânimo, ligaram a paixão fortemente tanto à arte da persuasão, a que os antigos filósofos, quando não se opunham, ao menos mantinham uma relação de discernimento cuidadoso, quanto ao parentesco com o próprio amor genuíno que o filósofo julgava ter pela sabedoria. Mas, hoje, o termo ganha uma complexidade semântica que não diz respeito apenas à sua ambiguidade intrínseca, paixão como impulso vital e sedição do espírito, como móbil da existência e monomania pensante, não só. *A paixão são*, em nosso tempo igualmente complexo e ambíguo, *as paixões*. O tema desta *XVI Semana de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe* não é apenas a paixão enquanto tema de inquestionável interesse filosófico, mas a multiplicidade inequívoca em que aparece, desafiando o pensamento. São paixões intelectuais, paixões eróticas, paixões religiosas, paixões esportivas, dentre muitas outras. O desafio é pelo menos se aventurar a penetrar este domínio complexo, onde as experiências são demasiado eloquentes, e exigem por isso do pensamento e dos conceitos um rigor e uma perspicácia incomuns. Trata-se, antes de tudo, de um terreno onde a filosofia está tudo, menos segura; talvez por isso um terreno que ela deva visitar com frequência, se não quiser assumir o risco de irrelevância e estagnação.

São Cristóvão, 09 de dezembro de 2015

**Adeilton Santana Nogueira - O 'primeiro' declínio da fotografia em Walter Benjamin**

Walter Benjamin (1892-1940), em *A Pequena História da Fotografia*, parte do princípio de que o auge da fotografia se deu no primeiro decênio de sua existência, período que precedeu a industrialização. Se na mão de alguns pintores, a fotografia se tornou uma ferramenta auxiliar, na indústria fotográfica dos cartões postais enriqueceu o seu primeiro fabricante. Benjamin, neste texto, inicia o conceito de aura, que retomará mais tarde em seu ensaio mais conhecido. A aura é “a irrepitível presença próxima de algo sempre muito distante”, é uma trama entre o espaço e o tempo. O filósofo de Frankfurt entende que ao trazer as coisas para mais perto de nós, pela sua reprodução técnica, em fazer cópias, melhora a percepção das grandes obras, pois as aproxima das pessoas, mas as tira de sua singularidade e originalidade precipitando-as na fugacidade e vulgaridade dessa mesma possibilidade de repetição na cópia. Todavia, o que propomos aqui uma repartição na ideia de declínio da fotografia, tema recorrente nesses ensaios. Não se intenta, todavia, uma tese a este respeito, apenas facilitar ao leitor de Benjamin e localizar a gradação deste declínio da fotografia na sua pequena história. Esta divisão é uma perspectiva a partir do ensaio de Benjamin sobre a Pequena história da fotografia onde, no decorrer de sua leitura, cita esses três momentos distintos e subsequentes, o que nos levou a destacá-los para uma abordagem em separado, uma vez que mesmo a literatura de seus comentadores concentram o declínio na perda da aura e na reprodutibilidade técnica. Desta feita, apresentamos o seu antecedente: o declínio do fotógrafo.  
**Palavras-chave:** Walter Benjamin. Fotografia. Filosofia. Imagem. Pintura. Arte

**Adilson Koslowski - Existe espaço epistêmico para as emoções na elaboração e escolha de teorias científicas?**

A resposta ao título parece ser um sonoro “não” quando vindo dos filósofos da ciência. Até meados do século passado a visão predominante entre os filósofos da ciência era de que a ciência era um empreendimento que poderia ser distinto entre o *contexto de descoberta* e o *contexto de justificação*. Em relação ao primeiro os sonhos, as inspirações, as emoções são facilmente admitidos. Porém, em relação ao segundo, era próprio da racionalidade algorítmica, formal do método científico indutivo (positivismo lógico) ou dedutivo (racionalismo crítico). Contudo, após os anos 1960 com a *Nova Filosofia da Ciência* de cunho histórico como a de Michael Polanyi, Kuhn,

Feyerabend argumentou-se que a escolha e a elaboração de teorias científicas não eram feitas por algum tipo simples de raciocínio indutivo ou dedutivo. Kuhn propôs que a escolha de teorias era baseada em valores; Polanyi argumentou que a atividade científica sempre envolve um elemento pessoal tácito. Dando mais um passo, James W. McAllister (2014) e Jeff Kochan (2013) entre outros sustentam que na atividade científica as decisões dos cientistas às vezes são influenciadas pelas emoções. Elas, porém, não são necessariamente um empecilho irracional, mas uma condição para uma decisão racional. O objetivo dessa comunicação é analisar a proposta de McAllister e Kochan a respeito da função epistêmica da emoção na elaboração e escolha das teorias científicas. Interessante notar que para os cientistas desde há muito tempo as emoções são um aspecto fundamental de sua atividade.

**Palavras-chave:** Emoção, Ciência, McAllister, Kochan, Função epistêmica

### **Aldo Dinucci – Deus como treinador, homem como lutador: a metáfora epicetiana da luta grega aplicada às dificuldades da vida**

Falaremos sobre a metáfora epicetiana de Deus como um treinador (*aleipes*) e o ser humano como lutador (*palaistes*). O termo *palaistes* vem de *pale*, a mais famosa e popular modalidade de luta na Grécia antiga, conhecida como luta grega. Nela, dois adversários nus punham-se no centro de um quadrado. O objetivo era subjugar o oponente, fazendo com que ele tocasse as costas no chão ou desistisse da luta batendo a mão ou entrasse em contato com o solo exterior ao quadrado. Epicteto traça uma analogia entre as dificuldades da vida e as de um combate de luta grega, afirmando que devemos ter em mente, diante de cada dificuldade, que Deus, como um treinador, nos põe para lutar contra um jovem bruto, pois assim como um bom treinador submete seu atleta a duros treinamentos para que vença os Jogos Olímpicos, assim Deus nos põe diante de dificuldades para nos fortalecer e testar.

**Palavras-chave:** Luta Grega, Epicteto, Dificuldades da vida, Deus treinador

### **Antonio Carlos dos Santos – As paixões religiosas: a tolerância na *Enciclopédia***

Se a tolerância for entendida como o resultado de uma proporcionalidade, por que e como surge o *hybris*, a intolerância? Ela emerge da opinião e do preconceito do povo. Instável por natureza, ela provoca um hiato entre as opiniões e os sentimentos, tornando-os arbitrários e dogmáticos, e quando se manifesta, transforma-se em uma força que tudo desune e corrompe. À luz da razão, a tolerância, e somente ela,

é plural. No entanto, quem garantirá a paz na diversidade de opiniões e de práticas no seio do universo político? O objetivo desta comunicação é analisar o conceito de paixão religiosa nos enciclopedistas, especialmente, em Montesquieu.

**Palavras-chave:** Paixão, Religião, Tolerância

**Antonio Pereira – “O amor, o narcisismo e a amizade (sobre as paixões em Francis Bacon)”**

As reflexões éticas de Francis Bacon certamente são a parte menos explorada de sua filosofia. Bacon é visto em geral mais como introdutor de um novo método científico do que um importante filósofo da moral. Em nossa abordagem gostaríamos de apontar para relevância desse outro lado de sua obra. Tendo em vista a natureza complexa da matéria da filosofia moral, bem como de tudo aquilo que concerne à ordem humana, veremos que Bacon irá explorar este assunto de modo aproximativo, ensaístico, aforismático, e nunca de modo sistemático, especulativo ou doutrinário. Daí que o filósofo lance mão de metáforas, figuras e mitos, típicos da linguagem literária ou ilustrativa, para tratar de um tema difuso, como é o caso das paixões humanas e suas modalidades, tal como podemos notar nos seus *Ensaios* (1597-1625), na *Sabedoria dos Antigos* (1609) e mesmo em obras de maior fôlego como o *De Augmentis Scientiarum* (1622). Para dar conta da estratégia retórica baconiana no tratamento das paixões e apontar para a argúcia de sua análise naquilo que ela tem de diferente da tradição, iremos tomar como exemplo sua análise do mito de Narciso em *A sabedoria dos Antigos*, na qual a noção de amor próprio (ou narcisismo) aparece em primeiro plano, juntamente com a imagem que mostra o personagem Narciso cercado de um círculo de bajuladores (os “amigos de Narciso”), o que é um aspecto que a tradição desse tema (vide *As metamorfoses* de Ovídio, por exemplo) não explorou. Os efeitos danosos do amor próprio, bem como da vaidade, da inveja, dos males nascidos da insanidade do amor-paixão ou amor-lascivo, são trabalhados igualmente nos *Ensaios*, com destaque para os seguintes: *Da inveja*, *Do amor* e *Da amizade*. Como veremos, é sobretudo neste último ensaio, reescrito completamente para última edição da obra, que Bacon apontará para a ruptura frente à tradição que, de Aristóteles a Cícero, viam na amizade um remédio para as perturbações da alma e entendiam o “amigo como um outro eu” (Bacon, *Ensaios*, p.94). Como diz Cícero, “aquele que olha para um amigo verdadeiro, olha, como se fosse, para uma espécie de imagem de si mesmo” (Cícero, *De Amicitia*, p. VII,23,33), tema que será retomado por Montaigne no seu ensaio *Da amizade*, que Bacon tinha em mãos. Para

Bacon, contudo, “o amigo é muito mais que um outro eu” (Bacon, Ensaaios, p.94) e, justamente, por isso é que, na amizade verdadeira e sincera, a identidade passa pelo reconhecimento das diferenças e da alteridade, para que as individualidades não se anulem, o que faz da amizade a melhor forma de vencer o maior dos bajuladores: o nosso próprio *ego*.

**Palavras-chave:** Bacon, Amizade, Paixões, Narcicismo

### **Arthur Grupillo – Paixão do real e autenticidade incorruptível no futebol**

Há que tentar, pelo menos, explicar a acessibilidade universal do futebol, como jogo mais jogado no mundo hoje. Em seu livro “*Veneno remédio*”, o ensaísta José Miguel Wisnik projeta sua reflexão sobre “o futebol e o Brasil” a partir de uma intuição fundamental do cineasta Pasolini, amante e pensador do futebol, que nos dá uma pista: a de que a paixão pelo futebol é uma *paixão do real*. Queremos levar essa intuição alguns passos adiante. A paixão pelo futebol, nesta perspectiva, estaria ligada a um amor primordial, dado que o futebol contém uma linguagem “não metafórica” – ao contrário de outros jogos – mas constitui um momento interno de expressão do próprio real, caracterizado pela alternância e a reversibilidade próprias da vida (vitória-derrota; parceiro-adversário). Patologias como a indústria cultural do futebol ou o fanatismo das torcidas organizadas apontam para uma distorção dessa paixão. De modo semelhante se pode pensar a predileção de Pasolini, em seus filmes, por atores não-profissionais, pois, no futebol, o sentimento e o saber do amador-torcedor, expressões dessa acessibilidade universal, se impõem sobre o privilégio e a espetacularização profissional.

**Palavras-chave:** Futebol, Paixão, Realidade, Universalidade, Indústria Cultural, Fanatismo

### **Bruno de Sousa Bezerra – Descoberta e indução no método de Bacon**

Pretendo esclarecer os seguintes pontos: o método indutivo de Francis Bacon, as limitações desse método, o porquê de Francis Bacon elaborar um novo método para a ciência e a importância de não encarmos a ciência como algo dogmático, ou seja, uma verdade fixa, mas como um conhecimento sempre possível de ser questionado e modificado. Mesmo sendo um método indutivo, que procura alcançar verdades absolutas, ele serviu como ponto de partida para o avanço da ciência, pois, por cau-

sa deste, hoje a ciência trabalha com verdades provisórias, isto é, resultados que a qualquer momento, a depender do avanço do saber, poderão ser descartados, modificados ou melhorados.

**Palavras-chave:** Valores em ciência, Raciocínio indutivo, Método científico, Francis Bacon

**Carlos Enéas Moraes Lins da Silva – O Cão de Crisipo: um estudo em cognição não-linguística**

O antigo argumento atribuído a Crisipo parece revelar uma inferência dedutiva não-linguística a partir da ação de um animal. A anedota, presente em *Esboços Pirrônicos* (Sexto Empírico), descreve o comportamento do cão que diante de 3 caminhos escolhe um por meio de um silogismo disjuntivo do tipo  $(a \vee b \vee c), \sim a \wedge \sim b \rightarrow c$ . Nesse contexto, se insere a questão do autor que, divergindo de Crisipo, propõe uma explicação para o comportamento animal, argumentando a favor de raciocínios probabilísticos acerca de *mapas cognitivos*. Tese fortemente baseada na robótica contemporânea.

**Palavras-chave:** Comportamento animal, mapas cognitivos, inferência dedutiva

**Christian Lindberg L. do Nascimento – Ciência e religião nos escritos educacionais de John Locke: a formação moral da criança**

O presente trabalho tem o propósito de expor o resultado final da pesquisa que realizei durante o doutorado. Na ocasião, procurou-se investigar o impacto do ensino da ciência e do ensino da religião na formação moral na criança, fazendo o recorte a partir dos escritos educacionais de John Locke, sem deixar de considerar as demais obras deste filósofo. Para tanto, foram examinados os referenciais teóricos que influenciaram o autor do *Ensaio acerca do entendimento humano*, como o ceticismo de Montaigne e o realismo baconiano, bem como a contribuição reformista para a educação. Do ponto de vista da teoria educacional de Locke, trata-se de problematizar a relação, em princípio controversa, que o autor estabelece entre o ensino da ciência e o ensino da religião para produzir determinada formação moral. A pesquisa trabalhou com a hipótese de que, com esse tipo de formação moral, o autor visa a constituição de uma sociedade moralmente cristã.

**Palavras-chave:** Educação, John Locke, Moral

**Cicero Cunha Bezerra – Capoeira: devir animal, devir humano**

Este trabalho tem como objetivo expor, a partir de uma análise das práticas desenvolvidas na academia de Mestre Bimba, transmitidas por seus alunos, as relações existentes entre a capoeira, enquanto visão de mundo, e os valores ético-morais exigidos como constitutivos de um *modus vivendi* que se traduz em uma sabedoria prática que torna a “roda” de capoeira imagem e palco de conhecimento e reconhecimento dos limites e das possibilidades das ações humanas no mundo. O corpo humano, metamorfoseado em peixe, inseto, macaco, se expande e se contrai no limite móvel do círculo lançando-se no enfrentamento do que devem e acontece.

**Palavras-chave:** Capoeira, Mestre Bimba, Valores, Filosofia

**Cloves Thiago Dias Freire – O problema da comunicação das substâncias (alma-corpo-movimento) na correspondência entre Descartes e a princesa Elisabeth da Bohemia**

Como pode a alma (*Res Cogitans*) sendo composta por uma substância distinta do corpo (*Res Extensa*) atuar sobre ele de forma a determinar sua vontade? Será este, em linhas gerais, o questionamento proposto pela jovem princesa Elisabeth da Bohemia (1618-1680) em correspondência endereçada a René Descartes (1596-1650) pouco tempo após a publicação de suas *Meditações* (1641). Questionamento que parece assinalar uma contrariedade presente no dualismo psicofísico cartesiano. Parece-nos que a resposta do filósofo francês ao problema da comunicação das substâncias (alma-corpo-movimento) fará surgir outros problemas ligados a ordenação do mundo físico (mecanicismo-corpos-movimento). Intencionamos apresentar este debate que se encontra registrado nas quatro primeiras correspondências (AT, CCCI – III:660; AT, CCCII – III:663; AT, CCCVIII – III:683; AT, CCCX – III:690) trocadas entre Descartes e Elisabeth. A escolha das referidas cartas se justifica, pois devido às mesmas tratarem do problema da determinação do movimento do corpo e suas possíveis implicações na descrição do mundo físico mecanicista-causal.

**Palavras-chave:** Descartes, Elisabeth, Alma-corpo, Vontade, Movimento

**Daniel Arce Santos – A Escola de Salamanca**

A presente comunicação tem como propósito evidenciar o pensamento de um grupo

de intelectuais iusnaturalistas e teólogos espanhóis que estabeleceram uma corrente política e econômica na Universidade de Salamanca a maneira de reconciliar a doutrina tomista com a nova ordem social no começo do século XVI onde as concepções tradicionais do homem e sua relação com Deus e com o mundo continuavam rígidas e rigorosas. Nesse sentido, a denominada Escola de Salamanca significou o fim dos conceitos medievais e escolásticos com a primeira grande reivindicação de liberdade, inusitada para a Europa da época e sendo reconhecida como uma influência tanto ao pensamento liberal como ao direito internacional. No presente trabalho foi abordado o contexto histórico, como foi desenvolvida esta corrente, seus pensadores e o impacto de suas obras, para isso foram analisados os escritos de suas principais figuras: Francisco de Vitoria, considerado o fundador da escola, Luis de Molina, Melcho Cano, Francisco Suarez e Martín de Azpilcueta. Em todos estes autores encontram-se as ideias de liberdade, povo e justiça que são paradigmas próprios da corrente liberal e do iluminismo, embora o contexto histórico seja anterior.

**Palavras Chave:** Escola de Salamanca, Liberdade, Povo

### **Daniel Francisco dos Santos – Benjamin e Freud: sobre a possibilidade da materialização do inconsciente**

O presente texto se propõe a uma análise da relação entre o conceito benjaminiano de imagem dialética e o conceito freudiano de inconsciente. A análise de tal relação se dará com o objetivo de responder a uma pergunta, a saber, como pensar numa possível materialização do inconsciente? Para Freud o inconsciente não possui um status ontológico próprio, muito menos uma constituição anatômica específica. Com efeito, o inconsciente se apresenta erigido sobre o plano simbólico. Contudo, com Walter Benjamin é possível visualizar a partir do conceito de imagem dialética uma provável materialização do inconsciente e sua consequente passagem do plano simbólico para o plano físico. De certa maneira, o inconsciente se apresentaria inserido nas coisas do mundo, tais como as construções em ferro, as passagens, os reclames, no contexto de Paris do século XIX. Inseridos em tal contexto e impulsionados por toda ordem de desejos, os cidadãos da grande cidade invadidos por toda sorte de estímulos, terminariam por se projetar nas coisas do mundo, numa materialização dos seus desejos. De modo semelhante, a Revolução Francesa se via como a Roma ressurreta, com o faro da moda para o atual na folhagem do antigo. Neste passo, dizemos que Walter Benjamin se utiliza do conceito freudiano de lembranças encobridoras na efetuação de tal passagem. Assim, numa superposição de camadas da

memória, o inconsciente é levado até sua efetivação no mundo material. Em outras palavras, um conteúdo mais antigo que subjaz encoberto numa superposição de memórias pode deste modo deslocar-se, ligando-se a outro conteúdo mais recente até irromper na realidade efetiva das coisas.

**Palavras-chave:** Walter Benjamin, Freud, Imagem dialética, Inconsciente

**Edilamara Andrade – Pascal, Montaigne e Derrida: algumas considerações acerca da Força e da Justiça**

Dentre as várias formas de manifestação da natureza, a linguagem se constitui como a expressão da racionalidade humana. Por ela o homem “constrói” sua experiência de mundo, sendo ela ao mesmo tempo ferramenta e meio de efetivação da ação racional do indivíduo. Nessa perspectiva, temos nas noções de Direito e Justiça duas ferramentas importantes para a compreensão do papel da linguagem na organização dos espaços sociais, uma vez que a hegemonia do Direito enquanto Justiça parece acontecer por um mecanismo de linguagem que confere ao primeiro, o status de representante da justiça. Nessa perspectiva, propomo-nos com o desenvolvimento desse trabalho, a estudar um tema bastante caro para o filósofo argelino Jacques Derrida, que é a aproximação entre direito e justiça, sobretudo no que se refere à carga ideológica que tal aproximação carrega. Para o desenvolvimento desse estudo, recorreremos a dois importantes autores da modernidade: Pascal e Montaigne, ambos citados por Derrida em sua obra *Força de Lei: O fundamento místico da autoridade*, e de fundamental importância para compreendermos o centro do problema proposto pelo filósofo argelino.

**Palavras-chave:** Derrida, Justiça, Direito

**Everaldo Vanderlei de Oliveira – Experiência e sentido em Hegel**

O conceito de experiência marca o itinerário da consciência, assinalando, a cada passo, as configurações assumidas por aquela, o longo da “*Fenomenologia do espírito*”, esta “ciência da experiência da consciência”. Pode-se dizer que a riqueza da experiência percorrida é o que torna esta obra hegeliana tão genial e até mesmo contrastante com o desenvolvimento ulterior do filósofo. O conceito de experiência está entrelaçado ao de movimento dialético operante na obra, exprimindo a luta pelo sentido ao examinar as pretensões da consciência e sua distância com relação aos

resultados efetivamente alcançados. Aquelas figuras da consciência são, ao mesmo tempo, experiências de princípios determinados. São também experiências de contradição ou experiências da negatividade, porquanto se depara com o descompasso entre o pretendido e as insuficiências do obtido. Reunidas em sistema e complexo jogo de forças, são experiências da formação e constituição da consciência, do saber que se põe em sucessivos graus de progressão rumo à verdade.

**Palavras-chave:** Experiência, Dialética, Modernidade, Fenomenologia do Espírito, Hegel

### **Fábio Augusto Mendonça Barreto – C.S. Peirce e a evidência policial**

O processo de investigação, seja científico ou criminal, objetiva a resolução de problemas-chave. Mas são muitas as nuances que podem abranger a construção do conhecimento, assim, tomaremos por base as ideias do filósofo C. S. Peirce dentre outros. Objetivando com este trabalho: 1) compreender os conceitos de evidência e hipótese. 2) melhor determinar como o raciocínio humano atua na construção de conhecimento. 3) entender como conseguimos dar forma a nossas ideias e pô-las em ação. *A priori*, por ter também como objeto a evidência policial partimos da literatura detetivesca (Sherlock Holmes, Auguste Dupin, Zadig...), encontrando no método de trabalho desses detetives ficcionais um processo que em muito converge com o científico. Ao mesmo tempo, identificamos uma perfeita correspondência estrutural com os formatos de raciocínio pensados por Peirce, levando a crer que os três são absolutamente compatíveis. Portanto, a divisão do raciocínio nos três métodos puros - Abdução, Indutivo e Dedutivo - aparenta estar correta. O que de certo revolucionaria a Epistemologia ao possibilitar uma nova compreensão da resolução de problemas e ao estabelecer uma teoria da criatividade em seus níveis mais básicos.

**Palavras-chave:** Investigação científica, Evidência, C.S. Peirce, Abdução, Hipótese

### **Felipe Santos Almeida – Comentário sobre a ocorrência “cética” na *Teodiceia* e nos *Novos Ensaios de Leibniz***

Nosso objetivo consiste em apresentar os resultados preliminares deparados em um levantamento dos termos “cético” e “ceticismo”, bem como o termo relacionado “pirronismo”, feito nas obras *Teodiceia e Novos Ensaios* de Leibniz. Encontramos, nessa breve análise, uma formulação cética moderna que, exposta em diálogos entre

autores como Locke, Leibniz e Foucher, se caracteriza pelo problema da *dúvida* e do *mundo externo*.

**Palavras-chave:** Pirronismo, Ceticismo moderno, Leibniz, Locke, Foucher

### **Homero Santiago (USP) - Catulo e Lésbia: uma história de amor**

Gostaríamos de propor uma breve análise de alguns poemas do “ciclo de Lésbia” de Catulo. O que vai nos interessar, em especial, é indicar como surge ali uma concepção de desejo que não pode ser reduzida (para servir-nos um pouco dos anacronismos) nem a um desejo-falta nem a um desejo-productividade. Por um lado, Catulo afasta o ponto de vista moralista que condena o desejo como busca insana pelo prazer e que não pode satisfazer-se senão efemeramente; por outro, configura um desejo que, mesmo vencendo a efemeridade pela repetição que o aproxima da infinitude (beijos aos milhares!), não deixa de submeter-se a uma exigência de organização (no caso retoricamente produzida) que o leva a assumir uma forma histórica. Nossa conclusão será que no “ciclo de Lésbia” o desejo apresenta-se como uma história, um desejo-história que é o amor do poeta por Lésbia tal como artisticamente forjado no interior dos poemas.

**Palavras-chave:** Catulo, Lésbia, Desejo, Amor

### **José dos Anjos Júnior – Modernidade e teoria da sociedade: um breve estudo sobre “Teoria do Agir comunicativo” de Jürgen Habermas**

O presente trabalho é dedicado à teoria habermasiana da modernidade, em particular, no que se refere aos conceitos de racionalização, de racionalidade e de razão comunicativa. Seu objetivo principal é sustentar que a teoria da modernidade de Jürgen Habermas (1929) estabelece-se a partir da teoria da racionalização de Max Weber (1864-1920). Sendo assim, este trabalho de pesquisa pretende investigar tais conceitos à medida que são desenvolvidos a partir da reflexão crítica daquele autor a propósito deste, dado que este constituiu fortemente o vínculo entre a teoria da modernidade e a teoria da sociedade. Razão pela qual, para perseguir o objetivo proposto, será examinada, sobretudo, a “Teoria do agir comunicativo” (1981) e “Ensaio sobre sociologia da religião” (1920), dos respectivos autores. Para isso, será apresentado o modo como Habermas interpreta Weber, passando através da teoria da racionalização. Em consequência, será apresentado o modo específico de

racionalização weberiana, a racionalização ético-religiosa. Em seguida, será apresentado, do ponto de vista de Habermas, como nessa relação e no diagnóstico weberiano da modernidade subjaz o conceito peculiar de racionalidade teleológica, isto é, com respeito a fins (*Zweckrationalität*). No contexto da teoria da sociedade, Weber entende as patologias da modernidade em termos de “perda de sentido” e “perda da liberdade”, ambas decorrentes do processo de “racionalização social”. Habermas, por sua vez, põe o problema em termos de “colonização do mundo da vida” pelo sistema social. À medida que Habermas atribui a Weber o caráter de análise unilateral da sociedade, por levar em consideração unicamente um conceito restrito de racionalidade, ele busca desenvolver um diagnóstico que abarque as patologias da modernidade em toda a sua amplitude, oferecendo como resposta, o peculiar conceito de racionalidade comunicativa.

**Palavras-chave:** Habermas, Modernidade, Racionalidade, Racionalização, Razão comunicativa.

### **Juliane Mota Santos – Sentimento na teoria moral de David Hume**

Apesar de, em sua Investigação sobre os princípios da moral, Hume atribuir à razão um papel importante em todas as distinções morais, por ser a única faculdade capaz de informar sobre a tendência das qualidades e ações, ela não é capaz de produzir qualquer censura ou aprovação. Para isso é preciso que um sentimento se manifeste para dar preferência às tendências úteis sobre as nocivas. Ou seja, somos tocados por um sentimento de aprovação ou censura que se manifesta e estabelece preferência pelas tendências úteis e benéficas.

**Palavras-chave:** Hume, Moral, Sentimento

### **Lauro Morais – A teoria da *oikeiosis* estoica e o equilíbrio das paixões**

Essa comunicação tem por objetivo fazer uma breve exposição da teoria estoica da *oikeiosis* (“familiarização, apropriação”) a partir de uma perspectiva ética das *kathēkonta* (ações apropriadas) e das *aretai* (virtudes). Como pode a *oikeiosis* nortear o critério para uma ação correta num animal racional a fim de se atingir um estado de tranquilidade do espírito e equilíbrio das paixões (*euroia*)? Em qual medida um desequilíbrio nas relações entre os diversos desdobramentos da *oikeiosis* pode gerar um estado de perturbação da alma do indivíduo, concorrendo com seus vícios? Para

responder as essas perguntas recorreremos a Epitecto e Hiérocles.

**Palavras-chave:** oikeiosis, Estoicismo, Paixões

### **Lívia Godinho – Experimentação política da amizade em cooperativas populares**

A semântica da amizade tem sido articulada, historicamente, aos ideais de igualdade-fraternidade, caracterizando-se por uma semântica familiarista que associa o amigo à figura do irmão. No entanto, alguns autores apontam que a semântica familiarista pautada na prerrogativa de intimidade e familiaridade privilegia processos de homogeneização e supressão da alteridade, podendo configurar práticas intolerantes, de desumanização e discriminação do outro. Portanto, eles propõem a desarticulação amizade-familiaridade, destacando a amizade como relação intersubjetiva privilegiada de experimentação política precisamente por sua qualidade de imprevisibilidade no vínculo com a alteridade. Em seu sentido político, a amizade favorece o questionamento de pontos de vista fixos e a irrupção de ações inovadoras. A experimentação política da amizade constitui uma relação agonística, de abertura ao outro na qual os corpos estão dispostos a afetar e serem afetados, implicados em contribuir com o aumento da capacidade de reflexão e ação do amigo.

**Palavras-chave:** Amizade, Alteridade, Política, Cooperativas Populares

### **Luiz Carlos Gomes Jr. – A Liberdade Republicana**

O objetivo desta comunicação é analisar o conceito de liberdade republicana a partir das pesquisas dos historiadores ingleses Pocock e Skinner. Nossa apresentação está dividida em três partes. Num primeiro momento, destacaremos a importância da compreensão histórica do contexto social e econômico de Florença na era de Maquiavel na interpretação de Pocock sobre o conceito de liberdade republicana. Em um segundo momento, analisaremos o conceito de liberdade da tradição liberal (Hobbes e Locke). E, por fim, apresentaremos a crítica Skinner sobre os efeitos negativos do domínio da concepção liberal de liberdade em detrimento da concepção republicana na política moderna.

**Palavras-chave:** Pocock, Skinner, Liberdade republicana.

**Luiz Eduardo Gama Silva, Deivid Oliveira Silva, Katia Doria Sousa, Deivid Oliveira Silva, Caio Graco Queiroz Maia, Emmerson Gomes Santana, Nelson Silverio De SantAna Neto, Josileide Da Silva Dos Santos, Joeliton De Souza Ribeiro – Sêneca: a filosofia como medicina para o ânimo**

Se há um tema recorrente na história do pensamento filosófico, em particular do chama-do período clássico (Antigo e tardo-antigo), consiste em tomar a filosofia como um exercício capaz de conduzir o homem a um estado de tranquilidade digno somente dos deuses. No pensamento de Sêneca a noção de filosofia não é diferente: filosofar é mais que preparar-se para morte, é saber viver. Nesse sentido, o tema dessa mesa-redonda pretende lançar algumas iniciais investigações oriundas das leituras das *Cartas à Lucílio* tendo como foco central o papel das paixões e da razão frente aos desejos e à desmedida.

**Palavras-Chaves:** Sêneca, Tranquilidade, Ânimo, Estoicismo, Paixões

**Marcelo de Sant’Anna Alves Primo – As paixões e a origem da ideia de divindade no *Sistema da Natureza* de Holbach**

Ao apontar as paixões humanas como as responsáveis pelo surgimento da ideia de uma divindade, Holbach atribui-lhes um caráter negativo. Segundo o Barão, no primeiro capítulo da segunda parte do seu *Sistema da natureza*, se os homens remontassem à origem das opiniões mais arraigadas em suas mentes e se examinassem os motivos que os levam a venerá-las, descobririam que por vezes os objetos ou ideias que os afetam não possuem realidade alguma. Palavras vazias, fantasmagorias oriundas da superstição e inflamadas por uma imaginação enferma são resultantes de um trabalho temerário do espírito e desconexo entre a desordem das faculdades intelectuais, perturbadas por paixões que as impedem de raciocinar com justeza ou de recorrer à experiência em seus julgamentos.

**Palavras-chave:** Paixões, Divindade, Holbach

**Marcos Balieiro – Hume e a religião como patologia**

Em uma passagem bastante conhecida da Conclusão do Livro I de seu *Tratado da Natureza Humana*, David Hume afirma que erros em matéria de religião são “perigosos”. Com isso, ele quer dizer que a adesão a princípios religiosos que nos

distanciem excessivamente da vida comum podem causar desequilíbrios no que diz respeito aos sentimentos e à conduta. Esse ponto é retomado, como se sabe, no Diálogo que encerra Uma Investigação sobre os Princípios da Moral. Trata-se, portanto, de um tema com que o filósofo lidou ao longo de boa parte de sua carreira literária, e que ele desenvolveu, também, ao longo de vários ensaios e de obras como a História Natural da Religião. Buscaremos, então, explicar, em linhas gerais, o modo como Hume concebe as influências que a religião pode exercer sobre a sensibilidade, o que nos permitirá tecer considerações sobre a tensão que existe, no âmbito da filosofia humiana, entre religião e moralidade.

**Palavras-chave:** Hume, Religião, Paixões, Moral

### **Matheus Silva Freitas - O caráter filosófico da retórica aristotélica**

Em oposição à retórica sofisticada Aristóteles propõe um manual de persuasão; ele defende o efeito persuasivo como fruto da demonstração, e não apenas da moção de sentimentos. Ao aliá-la à filosofia, Aristóteles transforma a retórica em uma arte que, visando uma verdade transcendental, não deixa espaço para seu uso imoral. No presente trabalho, tentaremos provar isto com uma argumentação que se dá em seis etapas, não sem antes fazer uma contextualização histórica da retórica, a fim de deixarmos mais claro em que situação Aristóteles começou a abordá-la.

**Palavras-chave:** Retórica, Aristóteles, Moral

### **Mykael Moraes Viana – Desordem e fanatismo: A paixão como problema em John Locke**

Seguindo a esteira da Revolução científica e do Renascimento, o filósofo inglês John Locke (1632-1704) entende as paixões humanas como empecilhos ao bom funcionamento da razão. Obviamente ele considera a natureza humana como dotada de paixões, e diferente de autores como Thomas Hobbes, não pensa que os apetites e impulsos dos homens estão a todo o momento desenfreados, gerando um quadro de guerra constante. Para Locke, as paixões são elementos comuns, que em seu estado normal não ocasionam conflitos. Porém, ao saírem do controle, as paixões fazem com que os homens saiam da justa medida imposta pela lei natural. Como no Estado de natureza cada homem julga em causa própria, é fácil perceber que as paixões desenfreadas ocasionarão excessos e crimes, além de punições desproporcionais aos

agressores. Esse é o grande motivo para que o homem saia do Estado de natureza e crie a sociedade civil. Mas mesmo na sociedade civil as paixões podem ser danosas. Locke alerta para os perigos do fanatismo. Deixar que as paixões dominem o debate sobre questões políticas pode resultar em conflitos internos que enfraquecem o poder civil. Dessa forma, pretendemos mostrar que Locke não é tão radical quanto Hobbes ao falar do potencial destrutivo e insociável do homem e suas paixões, mas, por outro lado, Locke também não foge à opinião corrente no século XVII de que as paixões turvam a razão.

**Palavras-Chave:** Locke, Paixões, Política

**Nilo César Batista da Silva - *De passionibus animae*: um estudo sobre o desejo no Diálogo sobre o Livre Arbítrio de Agostinho de Hipona**

Esta comunicação propõe uma reflexão acerca das paixões da *alma* nos diálogos filosóficos de Agostinho de Hipona – especificamente nas obras, *De musica* (387-391) e o *De libero arbitrio* (388-95). Dada a amplitude do tema das paixões, circunscrevemos como objeto para esse estudo o desejo e sua preponderância na psicologia humana. Considerando que o núcleo em torno do qual gravita toda experiência do ser humano é o desejo de felicidade, este tema perpassa todas as fontes do humanismo latino e vai demarcar a singularidade do pensamento de Agostinho. A filosofia helenística quis conceber o desejo como movimento da alma, portanto, não como um movimento físico situado num espaço, mas como um movimento anímico, o qual tem origem na carência como necessidade de algo que se caracteriza como o sentimento de vazio, sendo necessário, para compreender este movimento, referir a relação entre os conceitos de desejo e de sensação. Agostinho de Hipona irá situar o desejo no movimento da vontade, ultrapassando o aspecto fisiológico dessa noção e situando a sua origem nas faculdades da mente humana. No livro primeiro de *De libero arbitrio*, procura explicar o conluio ardiloso das paixões, colocando em análise o medo e o desejo, que são movimentos da alma propulsores do agir humano independentemente do seu valor moral. O desejo se caracteriza como impulso vital dos humanos em busca de apropriação de algum bem, o medo se caracteriza pelo recuo às situações que poderão se apresentar como benéficas ou maléficas para si, ou seja, o desejo procura obter e o medo sempre evita.

**Palavras-chaves:** Paixão, Alma, Desejo, Agostinho de Hipona

**Rosângela Souza de Almeida – Benjamin e Brecht: uma amizade com influências políticas, estéticas e pedagógicas**

O tema da amizade sempre foi caro e recorrente na história da filosofia. Para Aristóteles, a amizade é uma virtude, além de ser necessária para o alcance da felicidade. Deleuze e Guattari chamam a atenção para a *philia*, o caráter de amizade, presente na filosofia, como cumplicidade com o saber e com o outro – um amigo que nos permite dialogar e nos corrigir quando entramos em um labirinto de ilusões provocado pelo pensamento solitário. Nesse sentido, a amizade pode ser um elemento fundamental para o desenvolvimento do pensamento filosófico. Benjamin sempre manteve um diálogo filosófico com seus amigos, fez várias e distintas amizades. Segundo Habermas só em uma cena surrealista é possível imaginar uma reunião amistosa de seus amigos, tamanha diferença entre eles. Nosso propósito nesse trabalho é apresentar sua relação de amizade com Brecht. Amizade que, segundo o próprio Benjamin, tira seu pensamento do lugar, provocando aporias, e é isso que nos interessa investigar mais de perto. Para tanto, nos valeremos do livro de Erdmut Wizisla, intitulado Benjamin e Brecht: história de uma amizade, que faz um balanço histórico e de contribuições teóricas dessa amizade tão fecunda.

**Palavras-chaves:** Amizade, Benjamin, Brecht, Política, Estética, Educação

### **Saulo Henrique Souza Silva – Robert Filmer contra John Milton: Religião, Absolutismo e Revolução**

Em *A Bíblia inglesa e as revoluções do século XVII*, Christopher Hill defende que “Inglaterra do século XVII, um século de revolução e guerra civil, todos os partidos recorriam ao apoio da Bíblia” (2003, p. 27). Essa tese acentua o caráter peculiar àquela filosofia política de utilizar textos bíblicos como forma de sustentar teorias da dissolução dos governos. Por isso, “os radicais do século XVII afirmavam que suas ideias provinham da Bíblia [...]”, enquanto que os revolucionários franceses do século seguinte “[...] basearam-se em filósofos leigos como Voltaire e Rousseau” (Ibid, pp. 27-8). Mas, o século XVII não assiste somente à massificação de ideias sediciosas como: soberania popular, governo por consentimento, republicanismo político. Ainda na primeira metade do século XVII, e com influência considerável nos eventos das décadas posteriores, a teoria patriarcalista, também de origem bíblica, surge como uma contra-argumentação aos diversos textos revolucionários que agitavam as consciências na Inglaterra. As *Observations concerning the originall of government upon Mr Milton against Salmasius*, publicadas em 1652 por Robert Filmer contra as obras *The tenure of kings and magistrates* (1649) e *Pro populo anglicano defensio* (1651) de John Milton, repercutem com fidelidade o alvoroço do

embate político e teológico que toma forma definitiva nos anos que envolvem a dissolução da monarquia, a execução de Charles I e a instauração do governo republicano. Com efeito, o objetivo deste texto é dar relevo a essa discussão, ressaltando a forma como Robert Filmer questiona alguns dos principais argumentos caros à tradição republicana, anos depois, revisitada na filosofia liberal de John Locke.

**Palavras-chave:** John Milton, Locke, Religião, Absolutismo, Revolução

**Sizínio Lucas Ferreira de Almeida – Do Contrato Social ao Contrato Natural: Rousseau, Serres, e a discussão acerca dos conflitos por recursos naturais**

Na presente comunicação será exposta a temática da guerra e do contrato, relacionada aos conflitos por recursos naturais, à luz das ideias de Rousseau e do filósofo contemporâneo Michel Serres. Nos *Princípios do Direito da Guerra* (2011), Rousseau afirma que a guerra se dá entre entes morais, ou potências, e não entre indivíduos. Partindo da hipótese do homem no estado de natureza, exposta no *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens* (1755), Rousseau descreve o surgimento da desigualdade, que se dá através da usurpação de recursos comuns aos homens, nascendo assim necessidade de um estado civil, que servirá de regulador para as ações humanas. Michel Serres, na linha do pensamento rousseauiano, tratará também do tema da guerra e lançará a teoria do contrato natural como solução para as ações dos homens no mundo que, para este autor, caracteriza-se por vandalismo e pilhagem. Transformando a natureza em um ente moral, será possível regulamentar as ações humanas no mundo.

**Palavras-chave:** Guerra, Contrato, Recursos Naturais

**Valter Duarte Moreira Junior - A alma estoica é um tremoço**

Por seu caráter austero, o estoicismo é erroneamente visto por muitos como um ascetismo no sentido cristão do termo. De modo que tanto o seu sábio quanto os integrantes que buscam progredir nessa direção são vistos como renunciando sistematicamente a todos os prazeres que tem a nos oferecer o mundo sensível. Para contradizer essa concepção errônea comum, mostraremos, a partir dos antigos estoicos, bem como Sêneca e Epicteto, que o uso (moderado ou, às vezes mesmo, generoso)

de bebida está entre os exercícios e práticas estoicas para condução de uma vida virtuosa.

**Palavras-chave:** Estoicismo, Ascetismo, Bebida, Virtude

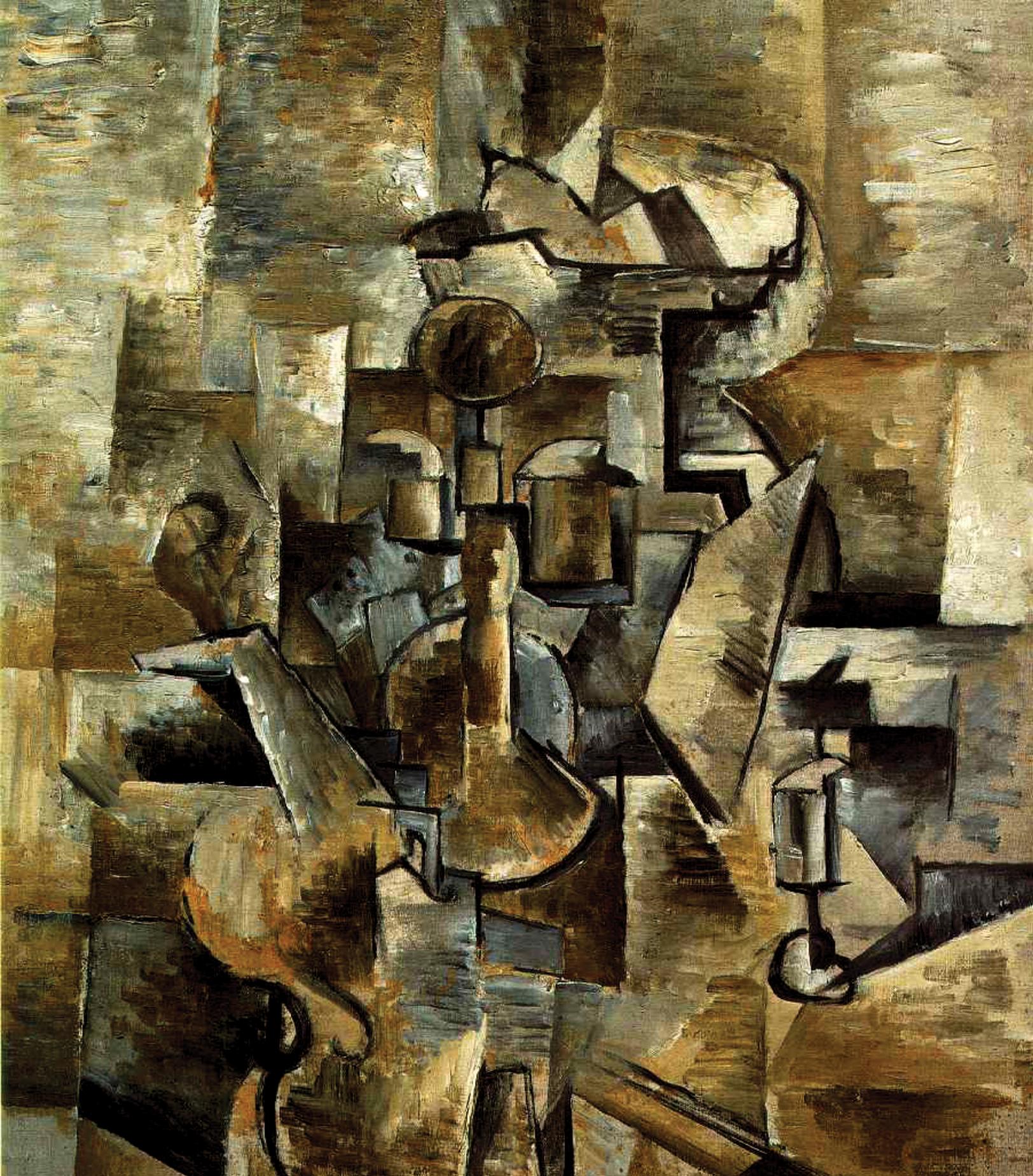
**Ybine Dias – Considerações sobre as Paixões como Significação no Teatro na Teoria da Expressão de Maurice Merleau-Ponty**

Nas primeiras obras de Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) há a construção de uma fenomenologia que ansiou a superação das dicotomias clássicas, a partir da construção de uma teoria da expressão por meio da noção de corpo próprio, e que repousa suas investigações nas condições existenciais, psicofísicas, dos sujeitos percipientes na história, rompendo igualmente com a concepção de linguagem que prevalecia nas psicologias empiristas e intelectualistas – pensamento de sobrevoo - que atribuíam à linguagem a instrumentalização ou a tomava como cifra das ideias de um sujeito. A partir de suas análises da linguagem, por meio dos problemas da fala, como a afasia, por exemplo, Merleau-Ponty observa os doentes que tem dificuldades de se expressar, os quais, quando colocado em uma situação vivida, afetuosa, encarnada, conseguem expressar os seus pensamentos; assim, segundo o filósofo, haveria a presença de um pensamento na fala, que as psicologias citadas acima rejeitaram. A significação, desta forma, consome o signo. O que se pretende nesta comunicação - a partir da convicção da presença de um pensamento, de um sentido na linguagem e não tomando esta como mera instrumentalização - é apontar para considerações de como as paixões são postas em cena e o ator, signo, desaparece, para dar lugar ao personagem. Visto que quando em cena ele é o que significa, a significação o consome. Assim, as paixões dos personagens, como significações, toma posse do ator e são elas que aparecem ou devem aparecer se de fato o ator encarnar o seu papel, como Merleau-Ponty afirma em *O corpo como expressão e a fala*, capítulo VI da primeira parte da *Fenomenologia da Percepção*.

**Palavras-chave:** Expressão, Paixões, Significação, Linguagem



**Imagem de capa:**  
Georges Braque: Violin and  
candlestick



Organização: **DFL -Dep. de  
Filosofia - UFS**

Apoio:  **PPGF** UF  
Programa de Pós-Graduação em Filosofia

